



ARQUÉTIPOS AFROFUTURISTAS: AS NOVAS GEOGRAFIAS DA PRESENÇA AFRODIASPÓRICA POR NEGR@S NA FICÇÃO ESPECULATIVA

LU AIN-ZAILA (LUCIENE MARCELINO ERNESTO)¹

Resumo

O movimento multifacetado Afrofuturismo é o tão esperado – fatal error – que torna permanentemente instável o sistema racista à brasileira que esvazia a variável *êmi*=(espírito) antes de tombar novos *aras*=(corpos) negros, privando-os de retóricas como “um futuro pela frente”, “tanto para fazer” e então é só reiniciar e esperar que outro e mais um não incomodem mais. Há muitos fragmentos de resposta neste movimento que atinge várias partes de um todo onipresente racismo, que também é um esporo sintético com o qual os alienígenas infectam os abduzidos, mas sempre existe um bug... um código fantasma, uma mutação, um imune que resiste ao reinício do programa, o fim esperado após contaminação ou que sobrevive e insiste em ser resistência porque adquiriu o poder de reconhecer sorrisos quebrados. Em suma, quero apresentar neste artigo o poder que arquétipos literários afrocentrados, vestidos sob qualquer roupagem, construções de afrofuturistas (só e somente pessoas negras) possuem enquanto metáforas potentes, antídotos antirracistas funcionando como um ato bilateral de reação, sendo: 1- capazes de reler as problemáticas que atravessam o tempo e as fronteiras afetando *negr@s* na África e nas diásporas, e 2- transgressores que revisitam inúmeros passados, leem presente e cogitam futuros tanto esperados como predatórios. A intenção é demonstrar como o imaterial, mas palpável da consciência afrofuturista se infiltra no imaginário sociorracial e desestabiliza as concepções de biopoder, epistemicídio e vigilância que enxergam a variável *raça*=(negra) como um inimigo declarado ou não a combater.

Palavras-chave: afrofuturismo; arquétipo; literatura; negro; especulativa.

Introdução

Em todas as nações e culturas sempre houveram as histórias de heroísmo e seres dos mais diversos tipos, alguns tão presentes que só pela menção sabemos a que continente pertencem, como é o caso de Ananse, a divindade-aranha e suas “primas ficcionais” presentes em inúmeras histórias orais e escritas, tanto na África como na diáspora africana tecendo destinos. Sua simples menção logo cria uma associação subjetiva à inteligência e como lida e entrelaça destinos que poderiam jamais se cruzar. Isso nos mostra o poder invisível e ao mesmo tempo tátil de um arquétipo, um exemplo, uma presença, uma inspiração ou um alerta que nunca é nomeado nesses termos, mas que sempre é sentido e até aqui tudo bem, porém o problema é quando essa “dimensão de significância” é utilizada para produzir noções de superioridade e inferioridade entre grupos de pessoas.

A intenção deste artigo é dar um vislumbre específico sobre os novos arquétipos antirracistas, presentes na frente literária do movimento amplo estético-político Afrofuturismo.

¹ Pedagoga/UERJ; Escritora Afrofuturista/Ficção Especulativa Negra; Obras: Duologia Brasil 2408: (In)Verdades e (R)Evolução (2016-2017), Sankofia (2018) e Valão de Pedra (2019, Monomito Editorial); site brasil2408.com.br
Contato: duologiabrasil2408@gmail.com.

O propósito a ser alcançado aqui é demonstrar novos caminhos que estão a ser escritos por mãos negras em enfrentamento ao racismo – universal – que faz uso de “imaginários artificiais” racistas dos mais variados com o intuito de subalternizar pessoas negras e sua cultura, apagar sua consciência e legado, inferiorizar seus traços e características físicas, causar traumas psicológicos e ativar gatilhos de corpo-perigo a fim de produzir um resultado, dizimar sua presença-humanidade.

Mas vale situar que arquétipos tem procedências múltiplas, ou seja, pode derivar de uma ideia/ideologia de fundo qualquer, uma história oral ou escrita, ter um fundo religioso, resposta a um contexto histórico, contar tradições, costumes e revisitar mitos.

É importante frisar que a literatura é uma potente dimensão para a disseminação de arquétipos numa sociedade, pois permite o contato entre épocas e assim se faz urgente o levante de vozes negras afrocentradas e arquétipos próprios, afrofuturistas, emergidos de conscientes negros da África e diáspora, em especial no gênero ficção especulativa negra, recente em certas linhas, mas extremamente eficiente em conectar inúmeras dimensões temporais adormecidas e restabelecer antigas-atemporais de nossa psiquê em prol do ressignificação da ideia de humanidade para pessoas negras.

Outro fator a ser elucidado é o sentido que a palavra arquétipo não possui neste trabalho, sem qualquer conexão às duas personalidades conhecidas pelo tema, a esclarecer:

- Carl Jung²: África como primitiva; o medo (em sonhos) de “virar negro” literalmente; associação de pessoas negras à primatas, seres primitivos, animais; A binariedade embutida nos termos claro-escuro e branco-negro, onde o primeiro é sinônimo de civilizado, seguro e o segundo é referencial de feio, nefasto, primitivo.
- Joseph Campbell³: sua associação direta entre mitologia e raça, onde difundia as ideias de pseudocientistas de uma civilização ariana mais evoluída em detrimento da concepção de não-brancos, os “outros” como inferiores. E dentro de sua prática com a escrita deixava subtendido e algumas vezes bem explícito a impossibilidade de negros serem protagonistas de ficções por sua incapacidade intelectual.
- Arquétipos não são estereótipos (projeções negativas de um grupo)
- Arquétipos não são objetos, cheiros e outras leituras inconcebíveis de mercado.

² - Ler seus relatos de viagem à África; Livro Memória, Sonhos e Reflexões (versão original sem cortes e edições).

³ Artigo Racismo e Ficção Científica (Samuel R. Delany, traduzido); Livro The Masks Of God: Primitive Mythology (Joseph Campbell).

E no intuito de conceber um melhor entendimento sobre o assunto a ser tratado, usarei a palavra no sentido de “dimensão de significância” que é um conjunto de associações que afeta nossa visão, sentido e análise íntima do que sustenta um arquétipo personificado.

As geografias da presença: a identidade negra fragmentada

Essa é uma questão relevante e importante dentro do afrofuturismo. As identidades negras são construídas em todo o seu aspecto de fragmentos. Elas não são plenas por um motivo óbvio, a linha temporal que as trouxe aqui não foi uma escolha e sim fruto de um processo de desumanização milenar, o racismo.

Essa certeza nos leva ao mesmo tempo a uma conexão única onde sabemos ser fruto de um processo de sobrevivência e ao mesmo tempo nos afasta porque não temos acesso a quem somos de forma plena, sem raízes, os desterrados de Frantz Fanon desde a realidade de bisavós sem sobrenome próprio até a percepção de que em vários momentos da vida, a agressão velada ou direta por ser negro fará parte da construção dessa identidade. Em suma, tornar-se negro é enfrentar ser uma presença constantemente recusada enquanto insistir em buscar a si mesmo e ocupar espaços, principalmente se revisa a identificação do “outro”.

Jemisin gostava de ficção científica e fantasia quando era criança. Mas ela não escrevia sobre personagens negros ou femininos antes de tropeçar com Octavia Butler ainda adolescente. Ao ler, eu [Jemisin] disse: "Caramba, acho que essa mulher é negra. Procurei uma foto, e não havia nenhuma. Em vez disso, a capa do livro estava rebocada com a imagem de uma mulher branca. Deixei a foto de lado" – foi um momento de iluminação para Jemisin. "Eu nunca tinha visto isso em sci-fi [science fiction] antes", afirmou. Ela nunca havia pensado que uma liderança poderia ser outra coisa senão um homem branco. (WOMACK, 2013: 96, tradução livre)

Nesse contexto, o Afrofuturismo se faz importante ao romper a estigmatização do sujeito negro e lhe impor a condição de *Eu-protagonista* num movimento de efervescência sustentado pela sua força de produção e resistência, coloca-o em contato com uma identidade e valores que finalmente o espelham como um Eu-integro.

Dentro deste movimento, o campo da ficção especulativa se constitui como um forte fator social de debate ao rerepresentar seu *Eu* em voz própria, contestando estereótipos e redefinindo o contato de pessoas negras com suas vivências, imaginações e metáforas para presente, passado e futuros alinhadas.

Afrofuturismo e ficção especulativa negra em contexto

O termo afrofuturismo⁴ surgiu durante entrevistas de Mark Dery (branco) com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose para o seu ensaio *Black to the Future*, depois capítulo do livro *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture* (1994), onde busca interpretar a pequena presença de escritores afroamericanos na ficção científica/especulativa⁵ oficial, a *mainstream*⁶, a que é absolutamente presente no imaginário americano. E a partir daí o movimento iniciado dentro da ficção especulativa cresce em representação, aglutinando cinema, artes e todo o espaço onde o protagonismo negro será uma produção afrocentrada numa visão de futuro no presente, sem deixar de retroceder sankoficamente⁷ para construir uma linha atemporal onde reconheça o legado anterior de sua negritude.

Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanas [negras] predominam. Em termos teóricos é a colocação do povo africano [África e diásporas] no centro de qualquer análise de fenômenos africanos. Assim é possível que qualquer um seja mestre na disciplina de encontrar o lugar dos africanos num dado fenômeno. Em termos de ação e comportamento, é a aceitação/observância da ideia de que tudo o que de melhor serve a consciência africana se encontra no cerne do comportamento ético. Finalmente, a Afrocentricidade procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. Assim, ser negro é estar contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca. (ASANTE, 2014: 3)

Relações de poder, acesso, desqualificação da palavra. O afrofuturismo onde quer que esteja no mundo é um ato político de reafirmação de uma capacidade literária negra que precisa se colocar como uma força social para assim ressignificar o lugar que ocupa na literatura, pois se compararmos Brasil/Am. Latina e Estados Unidos temos uma similaridade, a desqualificação do outro-negro, indiferente de suas melhores ou ainda nascentes condições de produção-consumo-presença literária.

"Ficção, temos um problema", escreve o editor da Fireside Fiction, Brian White, no relatório.
"Todos sabemos disso. Nós fazemos. Não precisamos de números para ver isso, como em

⁴ - O movimento surge nos Estados Unidos, depois se estende à África e depois se expande fragmentalmente pela Europa, América Latina e outros, onde é extremamente iniciante porque não há uma Ficção Especulativa Negra própria e em alguns casos ainda não se constituiu uma linha literária negra como um todo.

⁵ - Os primeiros: Martin Delany, um dos principais líderes políticos negros dos EUA em 1859 publicou na *Anglo-African Magazine*, *Blake, or the Huts of America* (Blake, ou Cabanas da América) cujo o tema é uma revolta de escravos bem-sucedida nos estados do sul e a fundação de um país negro em Cuba; Pauline Hopkins em 1901 publica *Talma Gordon* no jornal *Colored American Magazine*, depois *Contending Forces: A Romance Illustrative of Negro Life North and South* (Conflito de Forças). E em 1902, *Of One Blood*, primeira obra de ficção científica, descrevendo a descoberta de uma civilização oculta com tecnologia avançada na Etiópia e conectando afroamericanos à sua ancestralidade.

⁶ - *Mainstream* - palavra sem tradução que significa poderio de sobreposição, dominância, uma teia discursiva onde o grupo branco mantém seu poder relacional e legitimante do próprio discurso e até da noção de humanidade que recusa a não-brancos, ou seja, refuta qualquer outra presença ou representatividade que não o reconheça como universal, ou seja, *mainstream*.

⁷ - Sankofico/sankofica: derivada da palavra-provérbio africano Sankofa (escrita ideográfica Adinkra) que significa "Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás". Sendo assim, o termo pode ser visto como uma analogia léxica que contempla uma noção de resgate estrutural de intelectualidade afrocentrada, e também, um exemplo em si da construção de um modo de pensar e expressar sua raiz africana em meio à cultura ocidental. (Conceito elaborado durante meus estudos sobre Afrofuturismo e Afrocentricidade no final de 2017)

todos os lugares da nossa sociedade, a marginalização dos negros ainda é um grande problema na publicação ... Todo o sistema é construído para beneficiar a brancura - e ignorar é enterrar sua cabeça num montão de lixo flamejante da história. (FLOOD, 2016)

Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações. Conforme mostra uma ampla pesquisa sobre a totalidade dos romances publicados pelas principais editoras do País nos últimos 15 anos, a homogeneidade dos autores se reflete em suas criações. O outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem vozes, muitas vezes, marcado por estereótipos. (DALCASTAGNÈ⁸, 2007)

Sendo assim, entenda que a ficção especulativa negra⁹ é o viés literário que vai conectar novos e vários modos de apresentar narrativas multifacetadas e/ou mescladas: ficções científicas, históricas, fantásticas, terror, realismo mágico, etc.

Ficção Especulativa Negra são textos especulativos com ênfase nas pessoas e na cultura da diáspora africana. Embora seja chamada de "preta"[negra], que é uma escolha puramente estética, como o rótulo inclui TODAS as pessoas da diáspora (não apenas os negros americanos) e coloca sua cultura, experiências e ELAS na vanguarda dessas obras imaginativas. Para um povo que foi/é informado constantemente de que eles/elas não têm história ou futuro, que nunca poderão ser super ou um herói, e que a própria existência deles é um pesadelo, a Ficção especulativa preta/negra permite que eles se imaginem fora do que o mundo diz que devem ser. As pessoas da diáspora africana podem não acreditar que podem ser essas pessoas, então a ficção especulativa preta [negra] permite que elas se vejam imaginando. (HAYNES, s/d, tradução livre)

A ficção especulativa, no caso da literatura negra é o último desdobramento depois de estabelecida uma linha temporal de literatura, pois sua presença depende de um histórico e compreensão de tudo que cerca e afeta vidas negras. Sua base será a literatura de resistência, a que vai sustentar seu legado, ancestralidade e lhe dar pensadores para novas bases epistemológicas.

E de cima desta outra perspectiva, a literatura negra se desdobra em poesia, mitologia, porém a especulativa será a última porque envolve ter acesso a tudo o que vem antes, a um modo seu de falar, narrar sua cosmovisão, sua cosmogonia ancestral coletiva dentro de uma história, a força, a magia escrita e oral de seus antepassados... tudo isso vai sustentar esta ficção especulativa, independente de vir a abraçar ou não a “semântica” afrofuturismo, mas para que fique *enegrecida*, seguem alguns apontamentos importantes, que denomino como -- Consciência dos Três Círculos do Afrofuturismo – tomando como inspiração o ideograma (Fig.1) Adinkrahene¹⁰ .

⁸ - Ver DALCASTAGNÈ, “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”.

⁹ - Em ampla leitura inclui a africana e a afrodiaspórica já que ambas precisam se definir “negra” para encontrarem seu lugar e conectar negros e negras, não apenas em termos de conhecimento, mas acesso e consumo.

¹⁰ - Adinkrahene – considerado o ideograma Adinkra “rei” dos símbolos-provérbios-ensinamentos. São centenas e no Brasil o mais conhecido é o Sankofa, de uma galinha com a cabeça para trás, que significa “Nunca é tarde para voltar e apenhar o que ficou para atrás”. O “atrás” no sentido físico está correto por que legado é algo sentido, logo mensurável em sua

1. A origem intelectual é negra, o protagonismo da produção é indissociável.
2. O renascer consciente de si mesmo, pois não existe visão afrofuturista/especulativa negra sem passado esclarecido e presente compreendido (pensamento afrocentrado).
3. Ter uma consciência histórica, social e política é mote, pois mesmo que não esteja presente tão diretamente na produção, indiscutivelmente estará na sua construção criativa em termos de cultura, construção de personagem/obra/arte/etc. O que exige também a formulação uma psiquê que corresponda ao discurso direto e/ou indireto construído por seus autores.



FIGURA 1

Adinkrahene

É o chefe dos símbolos adinkra. Simboliza a liderança, o carisma e a grandiosidade

Assim fica explícito que a intenção do afrofuturismo é curar e/ou dar contexto à sensação de ser um “estranho numa terra estranha”, o eterno “abduzido” que negros e negras experimentam constantemente no cotidiano de suas vidas onde são insistentemente intimados a se “formatar” sob signos eurocêntricos para fazer parte da sociedade, o que não passa de um embuste, uma domesticação psicológica que visa anular a existência negra, imbuindo em sua existência a crença de descrença em tudo que lhe é associado como produção de conhecimento.

o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações (CARNEIRO, Sueli, p.97)

É preciso que pessoas negras compreendam a relação raça-racismo como a base de uma relação de poder que subjuga sua capacidade e qualquer possibilidade de mudança desse status, ou seja, o racista não é uma pessoa que ignora efetivamente o que faz, mas o faz definitivamente porque é a sua forma de ter poder, forjada sobre sua necessidade de se autoproclamar superior.

(...) O hino a Indra¹¹ 4.16.13 louva-o da seguinte maneira: "Você apagou os cinquenta mil peles negras, destruindo seus castelos como se o fogo consumisse o tecido." (MOORE, 2007: 30-32)

"Galen diz que a alegria domina o homem negro por causa de seu cérebro defeituoso, daí também a fraqueza de sua inteligência." Al-Masudi (d. 956 dC), obra Muruj al-dhahab¹²

Os negros africanos são o que são: nem melhores nem piores que os brancos: simplesmente eles pertencem a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. Essas populações infantis não puderam chegar a uma mentalidade muito adiantada e para esta lentidão de evolução tem havido causas complexas. Entre essas causas, umas podem ser procuradas na organização mesma das raças negríticas, as outras podem sê-lo na natureza do habitat onde essas raças estão confinadas. Entretanto, o que se pode garantir com experiência adquirida, é que pretender impor a um povo negro a civilização europeia é uma pura aberração - (RODRIGUES, 1957: 114).

Essa exarcebação de titular-se superior sempre foi um subterfúgio de poder sobre corpos e vidas negras. A literatura como um todo foi muitas vezes uma ferramenta dessa disseminação e por último, não menos competente a ficção científica como um tipo de relato pseudocientífico de contato com o "outro" não-branco incivilizado. Bons exemplos são Monteiro Lobato e seu "O Presidente Negro", Adalzira Bittencourt com "Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500" e Júlio Verne, um importante disseminador do racismo científico na Europa.

Vários antropologistas têm afirmado que os quadrúmanos mais elevados na escala simiana, os que mais se aproximam da conformação do homem, diferem dele no entanto pela particularidade de se servirem dos quatro membros quando fogem, observação que na realidade se não podia aplicar aos habitantes da aldeia aérea.

Mas Khamis, Max Huber e John Cort tiveram de deixar para mais tarde as suas observações a este respeito. A escolta composta destes seres, quer eles se devessem ou não classificar entre o homem e o macaco, foi-os empurrando para uma das habitações, conversando num idioma incompreensível no meio de uma população que os olhava sem grandes mostras de admiração. (VERNE, Júlio, 2013: 100)

Outro fato a destacar no movimento afrofuturismo é a visão que traz sobre raça e racismo, vistos como fatores tecnológicos. E isso significa debater além da presença negra, as outras presenças dentro da ficção especulativa negra e metaforizar seu debate em maior ou menor grau, logo... invasões alienígenas, contatos, poderes, imortalidade, viagem no tempo, cidades tecnológicas, distopias, releituras mitológicas ou culturais, tópicos ambientais e outras formas de contar histórias serão uma literatura antirracista por definição.

ARQUÉTIPOS AFROFUTURISTAS: MITOLOGIAS NEGRAS DE TODO O LUGAR

¹¹ - Rig-Veda, livro sagrado do Hinduísmo.

¹² - Meadows of Gold and Mines of Gems/Prados de ouro e minas de gemas é um livro árabe que conta a história do mundo começando com Adão e Eva até o califado Abássida, profetas e sua visão sobre as diferentes nações.

Me lembro de ter ido assistir Homem de Ferro 2 numa segunda-feira, baratinho, não pelo protagonista, o que me chamou a atenção foi o tamanho da imagem do homem negro no cartaz com uma armadura como a dele só que de cor prata e em destaque. Numa das cenas, uma briga, o capitão Rhodes sai vitorioso e então um grito toma a sala de cinema... “Finalmente, o negro não morreu!”

De primeira foi engraçado, a tensão da morte foi afastada, pois havia um consenso geral ali de que negros em filmes são os primeiros a morrer, mas ao mesmo tempo triste porque era um estereótipo real e todos estavam apreensivos para saber se seu destino seria esse ou não, o do negro descartado, sem importância diante de todos os outros personagens, brancos. E claro, como estamos falando de lugares que negros devem ocupar, como não lembrar o que Samuel Delany passou em 1968¹³ e N.K Jemisin¹⁴ experimentou nas três vezes consecutivas (2016-2018) em que ganhou o prêmio mais destacado Best Novel/Melhor Novela (romance) no Hugo Awards¹⁵ ao romperem essas barreiras.

Sendo assim vale destacar um trecho do discurso da autora em 2018.

Eu continuei escrevendo embora meu primeiro romance, *The Killing Moon*, tenha sido inicialmente rejeitado sob a suposição de que apenas pessoas negras iriam querer ler o trabalho de uma escritora negra. Eu ergui minha voz para rebater outros convidados em mesas que tentaram falar acima de mim sobre minha própria vida. Eu lutei contra mim mesma e a vizinha dentro de mim que constantemente, e ainda, sussurra que eu devia manter a cabeça abaixada e calar a boca e deixar os escritores de verdade falarem.

(...)

Mas este é o ano em que eu posso sorrir para todos os contraditores – cada um deles, medíocres, inseguros, aspirantes, que abriram a boca para sugerir que eu não pertencço a este palco, que pessoas como eu não podem merecer tal honra, e que quando eles ganham é meritocracia, mas quando nós ganhamos é por política de identidade. Eu posso sorrir para essas pessoas e erguer um dedo enorme, brilhante, no formato de foguete na direção deles. (SYBILLA, 2018, blog Sem Serifa¹⁶ e Momentum Saga)

Aqui vimos do que um estereótipo é feito, resultantes de racismo e alimentação de um imaginário racializado para ser desfavorável ao negro, pois como seria possível sem ter como projeto destituir negros de humanidade e legado? Sem isso, impossível.

Mas cabe aqui, também, apontar outras dimensões de resistência negra, os cliques “Eminência Parda” do Emicida, “A paz que eu não quero” do Rappa, “This is America” do Gambino, “Formation” da Beyonce, o filme “Space is the Place” com o Sun Ra, a filmografia do Spike Lee e muitas outras

¹³ - Ver Racismo e Ficção Científica de Samuel R. Delany (traduzido) de 1988.

¹⁴ - Ver N.K. Jemisin faz história no Hugo Awards 2018 – Blog Momentum Saga

¹⁵ - site oficial <http://www.thehugoawards.org/>

¹⁶ - Discurso traduzido por Isa Próspero, do blog Sem Serifa.

produções podem dar uma ideia boa sobre “lugares de negro” contestados, pois Afrofuturismo também é música, imagem e som.

Dito isso, me debruço sobre duas noções que antecedem a presença dos arquétipos afrofuturistas, a cosmologia e a mitologia africana-negra-diaspórica.

A cosmologia é uma forma subjetiva de ler, ver e vivenciar o mundo e todos os significados (culturais e sociais) ao seu redor, incluindo a sua relação com o seu outro-semelhante. No caso da africana, sendo um tanto “genérica¹⁷” estamos a falar de uma visão própria de vida, “morte”, origem (mundo, universo, pessoas, animais, etc.), relação entre corpo-espírito e outras concepções que se entrelaçam, não mantendo uma conexão direta com religião, mas com uma religiosidade própria do ser. Então quando pensamos nessa cosmovisão de uma forma ampla, no caso da África estamos falando também das inúmeras cosmogonias¹⁸ e mitologias que carregam essas impressões e respondem pela experiência de ser. Um bom exemplo é a visão de criação do mundo¹⁹ e das pessoas:

- O sopro sagrado da vida em barro como origem das pessoas
- Seres humanos originários de semente sagradas
- rios e montanhas criados pelo escorregar de uma serpente
- divindades a tomar conta do mundo e viver nos elementos
- as ligações sagradas entre mundo físico e as divindades: baobá, Iròkò, corda até o Orum
- a outra vida como um mundo espelhado que não é necessariamente morte, apenas uma outra existência ou outras, uma dimensão de enfrentamento de desafios nessa nova existência rumo à próxima ou os mortos/fantasmas influenciando a vida cotidiana e acontecimentos na vida dos vivos.
- Os orixás/divindades também exemplos de humanidade com erros e acertos.

Todos esses apontamentos nos fazem ver que as cosmogonias para se fazerem visíveis na vida das pessoas precisam ser “personificadas”, ganhar forma para assim disseminarem e estreitarem laços de ensinamentos de um povo, o que vamos chamar de mitologias^{20 21 22}.

¹⁷ - A forma de ver dos povos yorubá é diferente da bantu, dos Dogon e outros com similaridades e diferenciações tão ricas quanto a quantidade de países africanos.

¹⁸ - visões sobre a origem do universo, do mundo.

¹⁹ - visões sobre a origem do universo, do mundo.

²⁰ - África Ocidental: Mitologia Akan; Ashanti; Fon; Efik; Igbo; Isoko; Yoruba.

²¹ - África Oriental: Akamba; Dinka; Lotuko; Masai; Bushongo; Bambuti; Lugbara.

²² - África Meridional: Khoikhoi; Lozi; Tumbuka; Zulu

Essas são algumas das mitologias presentes na África.

O fogo da mitologia não se extingue facilmente, pois sua chama é alimentada pela fonte inexaurível da psique humana. Embora nós, humanos modernos, tenhamos dado pouca atenção ao chamado do mito, somos, ainda assim tocados por sua força. (FORD, 1999: 46)

Podemos dizer então que mitologia é uma dimensão de significados entre o mortal e imortal, o épico e o humano que vai assegurar a passagem de uma cultura, cosmogonia, cosmogonia de geração a geração (imagem, escrita, fala, emoção) a fim de possibilitar que nos vejamos espelhados em algumas de suas histórias ou maravilhados por outras e assim mensageiros e receptores de seus valores. E é neste campo que encontramos os arquétipos, na falta de uma palavra melhor e desconhecimento de uma similar em alguma língua do continente africano. O ser mítico é sentido em ara-èmi (corpo-alma, em yorubá).

Daqui por diante, coloco em pauta minha experiência prática como uma escritora afrofuturista e a minha experiência com o mítico africano e a escrita literária, como ela tem me inspirado a ver na ancestralidade, a essência do que escrevo hoje, mas muitas destas “dimensões de significância” não são ficções e sim uma experiência real vivida e sentida, mas ao a inserirmos numa lógica mítica, ressignificamos essa condição, como um guia “espiritual” para rever o nosso eu-lugar no tempo.

Sendo assim, decidi destacar cinco arquétipos afrofuturistas mais presentes na sua própria definição enquanto movimento.

O arquétipo do Desterrado é o mais evidente no afrofuturismo²³. A certeza de ser um “estranho numa terra estranha”, o “abduzido”. Esses são os negros da diáspora e também os da África vivendo o neocolonialismo. Vivemos num mundo que nos empurra uma humanidade ocidental que não nos aceita e faz viver em constante angústia e conflito com o espelhamento que não é o seu, e sim, o que deveria alcançar.

Logo fica evidente que nossos valores, com o qual nos sentimos confortáveis não são bem-vindos. Essa é uma leitura universal sobre o negro na modernidade que geralmente nos remete aos escritos de Frantz Fanon, Cheikh Anta Diop, Milton Santos, Abdias Nascimento, Sueli Carneiro, Kabengele Munanga e outr@s. E na mitologia temos um exemplo, Mptu, a terra dos mortos, dos europeus, brancos que é um mito dos bacongós sobre os negros levados, lidos como heróis que lutam com forças nos limites e depois do horizonte, onde nascem, morrem e renascem. São almas-heróis dos que partiram (FORD, 1999: 33).

O arquétipo do herói/heroína de face negra mítico é outro bem destacado na mitologia africana. Estamos a falar de alguém nascido para mudar a história, uma pessoa especial imbuída de poderes que vai enfrentar os desafios, atravessar territórios e ser o exemplo de sua cultura. Aqui temos a

²³ - Afrofuturismo, no campo da ficção especulativa negra.

inspiração de força, inteligência e renascimento. Bons exemplos são Sudika-Mbambi que nasce falando, cresce rapidamente, têm poderes e assim várias histórias sobre ele são contadas... numa ele salva uma jovem de uma feiticeira e se casa com ela e noutra enfrenta perigos num “mundo debaixo”. Já Lituolone nasce com amuletos sagrados e rapidamente vira um homem que salva toda a humanidade presa na barriga de um monstro, mas seu poder assusta muitos dos que ele ajuda, ele é traído e cansado se entrega à morte, o renascimento através de um pássaro.

Já o arquétipo do herói/heroína de face negra mortal é muito forte, pois abre espaço para o humano um pouco mais perto das divindades, imbuído de poderes²⁴ ou não. Este vai ser colocado diante de uma encruzilhada onde pode dar as costas como fez Uncama ao seguir um porco espinho e parar no mundo dos espíritos, espelhado do físico ou seguir em frente e enfrentar os desafios, sendo jogado em direção a um destino de incertezas, ganhos e perdas.

E neste caso eu cito minha heroína Ena da Duologia Brasil 2408 que foi jogada no meio de uma conspiração, um atentado que mata seu pai e afeta o país. Na primeira fase ela decide que precisa da verdade e vai atrás dela, mas ao descobrir que há muito mais por trás, ela decide outra vez que não pode parar, desistir e ela é humana, uma mulher negra que enfrenta, sofre, erra, acerta e supera, mas há um custo, *sempre há um custo para este ser mortal que decide abandonar a vida normal e trilhar um caminho que a maioria não seguiria*. Essa é a leitura de uma vida diferente e logo nos remete a militantes como Cheikh Anta Diop, Lélia Gonzalez, Rosa Parks, Beatriz Nascimento, Luther King, Carolina de Jesus, Carlos Moore... aqui fica nítido que seus legados serão sua imortalidade, o que deixarão ou já deixaram de lição e ensinamento.

Outro que precisa ser reconhecido é o arquétipo do Ser-negro Social que pode ser mítico e/ou também mortal. Esse arquétipo carrega em si a capacidade de colocar quem o ouve/lê em seu lugar para entender o que vive. Essa presença/personagem geralmente é protagonista e voz narrativa/empática de sua história, que transfere tudo o que sente pela sua vivência, especialmente a situação “social” a que está atrelad@, tendo a ver com tudo o que enfrenta enquanto diferente, mesmo sendo parte desta sociedade, não importando época ou espaço geográfico.

Ode à Laudelina e Era Afrofuturista são contos do livro Sankofia e ambos são bons exemplos dessa voz empática. No primeiro conto (ficção científica e terror) temos como voz uma empregada doméstica que lê sua passagem por um balneário alto padrão e o poder exercido sobre sua vida através de um certo objeto/presente. Já no segundo temos um menino colocando seus pés pela

²⁴ - Estes poderes não precisam ser mágicos, sensoriais... eles podem vir de uma reengenharia genética, uma reconstrução robótica, uma imunidade, capacidade de viver mais tempo que uma pessoa comum.

primeira vez no Museu do Afrofuturismo e diante de seus olhos milênios de história negra são visitados e ele entende seu lugar no mundo.

E por fim temos o arquétipo do Ser de Ancestralidade, mítico ou não, possui a habilidade de fazer quem se conecta à sua narrativa resgatar ou compreender outras cosmovisões de mundo, culturas como naturais, normais, digna de valor. Essa personagem tem outra visão de mundo, vive essa vida e mostra como sua sociedade funciona.

No conto O Segredo de Kanzi, a personagem Sela é uma guerreira ternodesiana (mundo baseado no Maracatu) que faz magia em língua yorubá. Todo o seu mundo é baseado nos elementos e energia desta cultura e onde vive um conflito pessoal entre amizade e dever com seu povo. Isso faz lembrar o livro de Nalo Hopkinson e sua obra *Midnight Robber*²⁵ (2000) onde temos a transmutação da história folclórica caribenha do Ladrão da Meia-noite, o avatar que a menina Tan tan precisa alcançar num planeta altamente tecnológico e movido por energias diferentes para salvar a si e seu pai.

Conclusão

O Afrofuturismo é um movimento que está se desenhando em passos firmes, nomeando suas ações e promovendo sua voz negra de inúmeras formas de arte.

Isso é muito importante para que o vejamos como um espaço fecundo de produção negra que está aprendendo a desenhá-lo seu lugar, uma posição ideológica importante para quem busca ter sua presença entendida como *Eu*. E a literatura é uma dimensão indispensável na promoção dessa perspectiva entre negros e não-negros, pois aponta para novas existências sociais.

Esse é um conto especulativo-metafórico sobre racismo:

Balfac Cke

Não sei precisar em que tempo aconteceu, pois já nasci dentro de uma batalha entre nós e os Balfac Cke, resultado de uma simbiose entre humanos brancos suscetíveis e uma entidade que não posso precisar se é de tempos imemoriais ou de fora do planeta.

Só que nós, negrxs, de algum modo somos imunes às suas investidas e assim nos tornamos a esperança da humanidade contra este inimigo, um lugar de prestígio, mas ao mesmo tempo perigoso, pois as criaturas conseguem esconder suas identidades e de repente... Balfac Cke estão ao nosso redor.

²⁵ - Entre as várias versões é um príncipe negro que foi escravizado e aborda as pessoas durante o carnaval para contar suas histórias.

Precisamos estar sempre atentos e com protetores de ouvido para não sucumbir ao som que fazem, o qual, nós chamamos de “ruído cke”, um tipo de transe que tenta nos fazer aceitar a sua investida, aceitar seus planos, pois se não podem nos tomar, então por lógica, precisam nos destruir.

Sendo assim, nos encontramos numa batalha épica onde cada um de nós é uma heroína e herói de face negra, armado das mais variadas e variantes armas que conseguimos criar para combater um inimigo no mundo real e imaginário de nossas vivências.

Legenda

tempo = história do mundo; a entidade simbiótica = racismo; Balfac Cke = Blackface (humano branco + entidade); negrxs = Não somos fantasia!; lugar de prestígio/perigoso = tomada da consciência do racismo e suas vertentes; criatura esconde a identidade = andar durante o ano sem demonstrar e de repente... Blackface/Balfac cke, racismo, etc.; chiado cke = discurso de normalidade, que estamos exagerando ao nos defender do racismo, que é mi mi mi...; transe = “você está exagerando, não é racismo...”; destruir = desqualificar nossa produção, defesa, conhecimento, argumentação e lugar de fala.

Referência

HOPKINS, P. (1902-1903). **On of Blood**. Colored American Magazine. Obtido em <https://archive.org/details/HopkinsOfOneBlood>.

JUNG, C. (1989). **Memories, Dreams, Reflections**. EUA: Vintage Books. Obtido em <https://archive.org/stream/MemoriesDreamsReflectionsCarlJung/Memories%2C%20Dreams%2C%20Reflections%20-%20Carl%20Jung>

ColorQ World. (2002). **West Asian views on black Africans during the medieval era**. Obtido em <http://www.colorq.org/articles/article.aspx?d=2002&x=arabviews>

CAMPBELL, J. (1991). **The Masks Of God Primitive Mythology**. EUA: Penguin Books. Obtido em <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.65805/page/n3>

ECHO-HAWK, R. (2016, 29 de maio) **Joseph Campbell and Race**. Obtido em <https://tolkienland.wordpress.com/2016/05/29/joseph-campbell-and-race/>

DALCASTAGNÈ, R. (2007). **A auto representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 42, n. 4, p. 18-31. Obtido em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>

DALCASTAGNÈ, R. (2005). **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Brasília: Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, p. 13-71. Obtido em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7380/1/ARTIGO_PersonagemRomanceBrasileiro.pdf

- FLOOD, A. (2016, 12 de fevereiro). **Black Science Fiction Writers face 'universal' racism, study finds**". Obtido em <<https://www.theguardian.com/books/2016/aug/09/black-science-fiction-writers-universal-racism-study-finds-fireside-fiction-blackspecific>
- DERY, M. (1993). **Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose**. Obtido em <https://www.uvic.ca/victoria-colloquium/assets/docs/Black%20to%20the%20Future.pdf>
- LOBATO, M. (1926). **O Presidente Negro**. São Paulo: Ed. brasiliense, 13ª ed.
- MONTEIRO, J. (1946). **3 Meses no Século 81**. Porto Alegre: Ed. Livraria da Globo.
- BITTENCOURT, A. (1926). **Sua Excelência, a Presidente da República no ano 2500**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional (Acervo).
- CARNEIRO, S. (2005). **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- WOMACK, Y. (2013). **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture**. EUA: Lawrence Hill Books.
- MOORE, C. (2007). **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- ERNESTO, L. (2016). **Duologia Brasil 2408: (In)Verdades (livro 1); (R)Evolução (livro 2)**. Rio de Janeiro: independente.
- N.K. **Jemisin faz história no Hugo Awards 2018**. Momentum Saga. (2018, 21 de agosto). Obtido em <https://www.momentumsaga.com/2018/08/nk-jemisin-faz-historia-no-hugo-awards.html>
- DELANY, S. (1998). **Racismo na Ficção Científica (Racism in SF)**. NYRSF: Issue 120. Obtido em <https://brasil2408.com.br/index.php/2018/09/21/race-scifi-ptbr/>